

UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA ENTRE TRADUÇÕES DAS REGRAS DO FUTEBOL DE BRASIL E PORTUGAL

SOUZA, Ana Carlyne Pereira de¹

MARINI, Clarissa Prado²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as variantes terminológicas na área do futebol, mais especificamente das regras do futebol entre Brasil e Portugal. Outro objetivo é o de apresentar os conceitos de Terminologia e variantes terminológicas em uma revisão bibliográfica. O Corpus de análise foram os textos “Laws of the Game 2013/2014” - FIFA, “Livro de Regras de Futebol 2013/2014” - CBF e “Leis do Jogo 2013/2014” - FPF. No total, vinte e nove termos foram investigados, termos que foram em um primeiro momento, analisados individualmente, e posteriormente, foram explorados comparativamente para verificar as variantes terminológicas.

Palavras-chave: Terminologia; Variação Terminológica; Futebol; Brasil; Portugal.

Abstract

The main objective of this study is to analyze the terminological variation presented on soccer, specifically on soccer's rules between Brazil and Portugal. Another objective is to present concepts of Terminology and terminological variation in a bibliographic review. The analyzed Corpus is composed by the texts “Laws of the Game 2013/2014” - FIFA, “Livro de Regras de Futebol 2013/2014” - CBF and “Leis do Jogo 2013/2014” – FPF. Twenty-nine terms were studied, which were at first analyzed individually and later comparatively to ascertain the terminological variations.

Key-words: Terminology; Terminological Variation; Soccer; Brazil; Portugal

¹ Formanda do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação – LEA-MSI na Universidade de Brasília – UnB.

² Professora substituta do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação – LEA-MSI na Universidade de Brasília – UnB, orientadora do presente trabalho.

Introdução

O futebol é um esporte de muita popularidade no Brasil e em Portugal e sua terminologia é muito importante para o seu completo entendimento. Os dois países que apesar de comungar de uma só língua, se diferem bastante no que diz respeito à terminologia do futebol, e é sobre essa terminologia, que vamos discorrer no artigo, mais especificamente sobre suas variantes terminológicas.

Para entender sobre as variantes terminológicas das regras do futebol no português do Brasil e de Portugal, precisa-se conhecer a Terminologia que, segundo Almeida (2003, p. 213), começa a ser analisada em meados do século XVIII, pela necessidade de relacionar os significados aos conceitos científicos. Alguns séculos mais tarde das primeiras pesquisas da Terminologia, a preocupação de estudiosos se converte na criação de novos conceitos e a partir dessa necessidade, Eugen Wüster, traz a normalização internacional da Terminologia, que estabelece a Teoria Geral da Terminologia - TGT, como explica Almeida (2003, p. 213). Normalizar, de acordo com Vargas (2006, p 1) é submeter algo a normas, padronizar, enquanto normatizar é estabelecer normas para alguma coisa, ação ou processo.

As variações que sofriam os termos foram consideradas como anomalias por Eugen Wüster que acreditava que essa falha podia ser sanada pela normalização dos termos. Cabré (1999) pensava diferente de Wüster e propôs uma abordagem comunicativa com a Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT, no qual deveriam ser considerados o diálogo existente entre profissionais e usuários além da relação dos significados e conceitos. A partir dessa abordagem Faulstich (2001) propõe o estudo das variantes terminológicas e, assim, as divide em três grupos: *variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas*.

Utilizando como princípio o estudo de Faulstich, o presente trabalho foi desenvolvido com o auxílio da metodologia da Linguística de Corpus pela plataforma AntConc 3.2.4w, com a utilização das ferramentas “Concordancer” e “File view”. A partir da extração dos termos dos textos, as variantes terminológicas foram separadas do restante dos termos entre os países Brasil e Portugal. Com os termos distintos separados, foi feita uma análise de como se deram essas variantes.

O futebol no Brasil e em Portugal

Existem teorias divergentes sobre o nascimento do futebol. Alguns estudos indicam que o esporte pode ter surgido na China, na Grécia, ou até mesmo na Itália, mas o que se sabe é que o futebol moderno, como é praticado hoje, segundo Souza (1998, p. 24), teve seu início na

Inglaterra, em meados do século XIX. A partir da criação de um livro de regras no século XX, escrito por ingleses, o futebol tornou-se, assim, um esporte regulamentado.

Em relação à partida de futebol, Stubbs (2012, p. 97) explica que é disputada em um campo retangular de grama natural ou sintética, onde dois times se enfrentam, cada um com 11 jogadores titulares, 10 na linha e um no gol, além dos jogadores reservas, tendo como objetivo geral fazer gols. Stubbs (2012, p. 98) explica que a bola pode ser deslocada pelo campo por qualquer parte do corpo, exceto pelas mãos e braços, com ressalva das cobranças de lateral e do goleiro. Além do futebol de campo, ou apenas futebol, Stubbs (2012, p. 96) fala de outras modalidades do esporte, o futebol de salão e o futebol de areia.

O árbitro, de acordo com Costa *et al* (2010 p. 5), é um participante de extrema importância no futebol, já que ele assegura o cumprimento das regras. Segundo o autor, a importância do trabalho da arbitragem é explicitada quando se analisa as consequências dos atos por ela tomados, já que uma decisão equivocada por parte do árbitro pode alterar o resultado de um jogo, ou a longo prazo, de um campeonato. “O juiz tem autoridade total e decisiva durante a partida” (STUBBS, 2012, p. 100), ou seja, em uma partida de futebol o árbitro é a competência máxima dentro do campo.

O órgão que normatiza o futebol mundial, de acordo com Stubbs (2012, p. 96), é a *Fédération Internationale de Football Association* – FIFA (Federação Internacional de Futebol Associados³), fundada em 1904 e, atualmente, consta com 208 países-membros. Os deveres da FIFA, segundo o artigo 2º de seu estatuto são:

“promover o jogo de futebol da maneira apropriada; promover relações amistosas entre associações nacionais, confederações, árbitros e jogadores organizando partidas de futebol de todos os níveis e apoiando o futebol por outros meios que julgar apropriado; controlar o futebol tomando as medidas que julgar necessárias ou aconselháveis para impedir infrações aos estatutos ou regulamentações da FIFA ou às Leis do Jogo estipuladas pelo Conselho Internacional de Futebol, impedir a introdução de práticas ou métodos impróprios no jogo e protegê-lo de abusos”; (FIFA, 2014)

A FIFA organiza o mais importante torneio do futebol: a Copa do Mundo da FIFA, torneio que acontece a cada quatro anos em um país escolhido como sede. O campeonato é disputado por 32 seleções de todos os continentes, ocorre em um período de 30 dias, com 64 jogos entre as seleções participantes, com uma só campeã. A última edição da Copa aconteceu no Brasil, entre os meses de junho e julho de 2014.

Com a realização da última edição da Copa do Mundo FIFA no Brasil, parte do país vivenciou experiências linguísticas diferentes das usuais pelo convívio com estrangeiros

³ Tradução de Association por Associados

durante o evento. Nesse período criou-se um ambiente multilíngue principalmente nos grandes centros brasileiros com a presença de línguas estrangeiras, pelo maior volume de turistas, torcedores e equipes de futebol de várias partes do mundo. No que diz respeito às variantes linguísticas geográficas, países que compartilhavam a mesma língua, mas com diferentes termos acerca do futebol como Brasil e Portugal estiveram presentes e despertaram o interesse em desenvolver o presente estudo em relação às diferenças da terminologia do futebol entre esses países.

O futebol no Brasil é normatizado por um órgão designado pela FIFA, a Confederação Brasileira de Futebol – CBF. A CBF é uma associação de caráter desportivo, dirigente do futebol brasileiro e responsável em organizar os times brasileiros. No artigo 5º do seu estatuto a CBF designa como a suas primeiras funções:

“Administrar, dirigir, controlar, fomentar, difundir, incentivar, melhorar regulamentar e fiscalizar constantemente e de forma única e exclusiva, a prática de futebol não profissional e profissional, em todo o território nacional”. (CBF, 2014)

Em Portugal, a Federação Portuguesa de Futebol - FPF, é o órgão que normatiza o futebol nacionalmente. A FPF é filiada à FIFA (assim como a CBF) e pela presença de Portugal na União Europeia, a Federação Portuguesa também é filiada à *Union des Associations Européennes de Football* (UEFA). A Federação Portuguesa de Futebol designa no seu estatuto como principais objetivos: “promover, regulamentar e dirigir, a nível nacional, o ensino e a prática do futebol, em todas as suas variantes e competições ” (FPF, 2012).

Portugal teve um histórico parecido ao do Brasil, em ambos os países o futebol foi introduzido por jogadores que conheceram o esporte na Inglaterra. Além disso, nos dois países o esporte foi introduzido nas práticas recreativas como um esporte de elite, mas logo se estendeu à todas as classes sociais. Nos dois países o futebol é um dos esportes mais difundidos e mais praticados, mas apesar de toda a semelhança existente entre Brasil e Portugal no que diz respeito ao futebol, a sua terminologia apresenta diferenças entre os dois países, que serão tratadas ao longo do trabalho.

Léxico

O léxico é uma maneira de designar nomes às coisas que já existiam e posteriormente designar nomes às criações do homem. Em outras palavras o léxico são todas as palavras que compõem uma língua, de acordo com Biderman (2001, p. 13)

Sobre a mudança que sofre o léxico, Fiorin (2000, p. 226) diz que “o léxico é reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida

material e espiritual”. Ou seja, Fiorin mostra que o léxico é resultado das interações sociais e que ele sofre influências dos usuários da língua, se tornando assim a parte da língua mais sujeita a variações. Segundo Negreiros (2003, p. 33), essa mudança ocorre pela influência de meios culturais, sociais, geográficos e também variações estilísticas.

O léxico pode ser estudado no âmbito da língua geral ou na linguagem de especialidade, por isso é importante frisar a diferença entre elas. A língua geral é a língua utilizada para comunicação comum cotidiana de assuntos gerais, composta de regras, gramática e estruturas próprias. A linguagem de especialidade, por outro lado, utiliza parte da língua geral e pertence a uma área de especialidade. É importante destacar que linguagem de especialidade utiliza a mesma gramática da língua geral, como afirma Vilarinho 2013 “O léxico está submetido às regras da gramática de uma língua ao ser criado” (VILARINHO, 2013, p. 23).

Para entender o estudo do léxico é necessário saber que este estudo foi dividido em quatro áreas de conhecimento, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia. A Lexicologia se dedica à análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico em uma língua geral. Já a Terminologia estabelece uma estrutura conceitual e a estrutura léxica de uma linguagem de especialidade. Essas duas ciências se diferem, pois a Lexicologia se empenha em descrever e analisar o léxico no universo de uma língua geral e a Terminologia, por outro lado, estuda as linguagens de especialidade e os termos que as compõem já que são os principais elementos de uma linguagem de especialidade.

A Lexicografia, que é a parte prática da Lexicologia, é a área que se ocupa da elaboração de dicionários da língua comum, enquanto a Terminografia, prática da Terminologia, se ocupa da elaboração de dicionários especializados, vocabulários e glossários de uma linguagem de especialidade.

Terminologia

A história e o crescimento da Terminologia são cruciais para entender como essa área de estudo funciona atualmente e a sua importância no presente trabalho. Primeiramente é importante frisar a diferença entre Terminologia e terminologia. Almeida e Correia (2008, p. 69) explicam que a palavra “terminologia” tem duas acepções. A primeira acepção é a Terminologia enquanto matéria de estudo, cujo objeto principal de estudo é o termo. Já a segunda acepção, terminologia, refere-se ao conjunto de termos próprios de uma ciência técnica ou linguagem de especialidade, onde a junção de termos com elementos da língua comum forma a linguagem de especialidade. Um exemplo de terminologia é uma lista de termos do futebol.

Almeida e Correia (2008, p. 72), com o propósito de evitar que o leitor se confunda, utilizam Terminologia, com letra maiúscula para a primeira aceção e terminologia, com minúscula, para a segunda.

O termo é definido como “designação por meio de uma unidade linguística, de um conceito definida em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p.5). Na linguagem de especialidade, o objeto a ser estudado é o termo que é a junção da denominação com o conceito (assim como o signo linguístico, na língua geral, é composto pelo significante e significado) e em referência a um referente externo à língua (objeto da realidade material e imaterial). Para esclarecer a utilização de linguagem de especialidade Santos (2006, p. 256) diz:

“Após reflexões feitas pelos terminólogos nos últimos anos, convencionou-se chamar as línguas de especialidade de linguagem de especialidade, pois segundo a tradição lingüística, a linguagem é a língua em uso” (SANTOS, 2006, p. 256).

Portanto utilizaremos o termo “linguagem de especialidade”, mas entendemos que outros autores chamarão esta de “língua de especialidade”.

A Terminologia, segundo Almeida (2003, p. 213), começa a ser analisada em meados do século XVIII, pela necessidade de relacionar os significados aos conceitos científicos nas áreas de Química, Botânica e Zoologia. Alguns séculos depois das primeiras pesquisas da Terminologia, a preocupação de estudiosos não é apenas em relacionar denominações e sim criar novos conceitos. A partir dessa necessidade, Eugen Wüster, traz “a normalização internacional da Terminologia, técnica que inicia a disciplina Teoria Geral da Terminologia, que reunia disciplinas como Linguística, Ontologia e Informática” (ALMEIDA 2003, p. 213).

Conforme Sales (2007, p. 7), a Teoria Geral da Terminologia (TGT) começa a tratar a Terminologia como uma disciplina, concebendo assim os primeiros fundamentos da teoria moderna. Ainda segundo o autor, Eugen Wüster começa a estruturar os fundamentos da Teoria Geral da Terminologia, com a proposta de conter a ambiguidade na área técnico-científica. Wüster (*apud* FAULSTICH, 2001, p. 12) dizia que a Terminologia era relevante para a normalização e a prescrição dos termos que seriam utilizados nas áreas de conhecimento. No entender de Wüster (*apud* FAULSTICH 2001, p.13) cada área deveria ter sua terminologia prescrita e normalizada e, por isso, o autor utilizava a tese de que não existia ambiguidades na linguagem de especialidade. (*apud* FAULSTICH, 2001, p. 17)

Wüster considerava os casos de variação linguística como anomalia e essa variação linguística era vista pelo autor como uma perturbação linguística que poderia ser sanada com a

normalização dos termos. Acreditava, ainda, que um termo polissêmico não poderia existir em uma linguagem de especialidade e o termo teria que ser unívoco.

A teoria de Wüster foi criticada posteriormente em relação à maneira de como o autor interpretava a variação terminológica, para ele essa variação poderia ser sanada com a normalização dos termos. A partir das críticas construídas sobre a Teoria Geral da Terminologia, um pensamento mais prático começa a ser estudado para entender a utilização dos termos. Esse novo modelo traz também uma denominação distinta da área elaborada por Wüster, e passa a ser conhecida como Teoria Comunicativa da Terminologia. Cabré (*apud* SALES 2007, p. 71) ressalta que a visão da Teoria Geral da Terminologia, prescritiva e normativa, restringia a comunicação profissional pela inflexibilidade no tratamento dos conceitos e características dos termos.

Com o argumento de esclarecer o panorama da Terminologia como matéria de aplicação e não só de estudo, Cabré (*apud* BRIONES, 2001, p. 342) propõe uma teoria linguística que tem três princípios: “o da gramática, o de aquisição e o da atuação, que aborda os termos como unidades singulares e similares a unidades de comunicação que admita a variação” (BRIONES, 2001, p. 342). A partir desse pensamento aprofunda-se o estudo da Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT.

A Teoria Comunicativa da Terminologia, de acordo com Marciel (2001, p. 51), estuda os propósitos aplicáveis às áreas técnicas e científicas. A Teoria Comunicativa da Terminologia propõe, segundo a autora, a busca da terminologia mais adequada para a linguagem de especialidade onde essa possa ser bem definida pela intenção dos interlocutores.

Nesse sentido, Faulstich (2001, p. 22) defende a existência de variantes terminológicas. A autora argumenta que, dependendo da sua função desempenhada nos contextos o termo pode assumir diferentes valores. Faulstich (2001, p. 21) explica, ainda, que existem na Terminologia especificidades a serem estudadas pela Socioterminologia e que é necessária uma metodologia particular para analisar termos e variantes.

“Consideramos mais uma vez que, que variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo” (FAULSTICH, 2001, p. 22)

Com base no funcionamento da comunicação especializada e com uma visão descritiva, surge a Socioterminologia que segundo Sales (2007, p. 7) estuda as terminologias em uma análise da língua como um todo, privilegiando seu uso social, contrapondo a atribuição formal da Teoria Geral da Terminologia.

Em relação à Socioterminologia, Faulstich (*apud Cruz*, 2013 p. 32) diz que esse estudo já era prenúncio para uma Terminologia funcionalista de natureza social. Cruz (2013, p. 32) diz que Faulstich em dois de seus trabalhos começa a elaborar argumentos da variação em terminologia.

“Com o advento da socioterminologia, empreederam-se esforços a fim de “attenuer les effets prescriptifs exagérés de certaines propositions normatives”, no dizer de Boulanger (1991, p.25) e “en réaction avec les Écoles hypernormalisatrices déconnectées de situations linguistiques propres à chaque pays...”, como declara Auger”⁴ (FAULSTICH, 2001p. 21).

A partir da característica da Socioterminologia e com a tentativa de aprofundar os casos da variação terminológica, Faulstich (2001, p. 23) cria uma tipologia de variantes terminológicas e as divide em dois grupos: variantes linguísticas e variantes de registro.

Faulstich (2001, p. 23), denomina a variante linguística como um fato linguístico realizado pela variação. A autora (2001, p. 23) subdivide as variantes linguísticas em cinco categorias, são elas: a) variante fonológica, onde a ocorrência da variante surge por meio da fala; b) variante morfológica no qual contem variação de ordem morfológica no processo criativo do termo, não havendo mudança no conceito; c) variante sintática que há mudança entre duas constituições sintagmáticas tendo por finalidade o discurso de um termo complexo; d) variante lexical em que o item lexical da unidade terminológica sofre mudança e mesmo assim não perde o conceito; e) variante gráfica que é produzida de uma maneira gráfica diversificada.

As variantes terminológicas de registro conforme Faulstich (2001 p. 23) são definidas como aquelas que a variação acontece no local onde são utilizados os termos. As três subdivisões categorizadas pela autora são: a) variantes de discurso que é resultado da comunicação estabelecida entre os profissionais e os usuários de texto científicos e técnicos; b) a variante temporal se distingue pela preferência do termo, onde variantes competem alguns anos até quando uma só predomine sobre a outra; c) variante geográfica que é a variante resultante de regiões que tem uma língua comum e que sofrem influências.

Podemos fazer uma associação entre a língua comum e a linguagem de especialidade no que diz respeito à variação geográfica que é um fenômeno comum entre ambas, e sobre a variação na língua geral a gramática normativa da língua portuguesa com Castilho (2010, p.

⁴ “Com o advento da socioterminologia, empreederam-se esforços a fim de “atenuar os efeitos prescritivos exagerados de certas proposições normativas”, no dizer de Boulanger (1991, p.25) e “em reação às escolas hipernormalizadoras desconectadas de situações linguísticas próprias de cada país...”, como declara Auger”⁴ (FAULSTICH, 2001p. 21 – tradução nossa).

198) diz: “Portugueses e brasileiros não falam do mesmo jeito. Brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul tampouco falam exatamente do mesmo jeito”. Pavel e Nolet, sobre o paralelo entre língua geral e linguagem de especialidade no que diz respeito às variantes afirma que:

“A despeito do ideal declarado de monossemia, a língua de especialidade é constituída de um conjunto de convenções sociais e, por isso, está em constante evolução. Em consequência, as línguas de especialidade apresentam variantes lingüísticas, da mesma maneira que a língua geral”. (Pavel *et al* p.27)

Faulstich (2001 p. 24), com o intuito de aperfeiçoar seus estudos, reestrutura a tipologia de variantes em três grupos, as variantes terminológicas concorrentes, variantes terminológicas coocorrentes e as variantes terminologias competitivas.

Sobre as variantes terminológicas concorrentes Cruz (2013, p. 36), diz que essas variantes são capazes de disputar para a mudança ou entre elas, e Faulstich (*apud* CRUZ, 2013, p. 34) explica que as variantes dessa categoria não podem concorrer entre si ao mesmo tempo, quando ocupam o mesmo espaço. As variantes terminológicas concorrentes abarcam as variantes terminológicas lingüísticas e variantes terminológicas de registro, que anteriormente foram citadas.

As variantes coocorrentes são definidas, como as variantes que tem mais de uma definição para o mesmo termo, Segundo Cruz (2012, p. 38). Ou seja, na categoria de variantes terminológicas coocorrentes existe compatibilidade semântica entre essas variações.

A última categoria descrita pela autora é a de variantes terminológicas competitivas, que Faulstich (*apud* Cruz 2013, p. 38) define como as que fazem associação nos significados e itens lexicais de diferentes línguas, Faulstich (*apud* Cruz 2013, p. 38) diz ainda que as variantes terminológicas competitivas se caracterizam pela relação existente entre línguas diferentes, formando assim uma competição.

O presente artigo baseia-se na teoria de Faulstich de variantes terminológicas para analisar as diferenças da terminologia das regras do futebol na língua portuguesa. O caso estudado está inserido na categoria descrita pela autora como variantes concorrentes de registro, mais especificamente na subcategoria variantes geográficas em que essa variação pode ocorrer entre diferentes regiões de um só país ou em diferentes países que utilizam uma mesma língua. A parte da definição de variantes geográficas que se refere aos países diferentes é a que mais se adapta ao caso do nosso estudo, já que a terminologia analisada foi a das regras do futebol no Brasil e em Portugal (apesar de existir variações em diferentes regiões nos países, o que não é o nosso foco).

Como os textos trabalhados no artigo se tratam de dois textos que são traduções para o português e de um terceiro texto em inglês, objeto da tradução, é preciso frisar a importância da tradução para a Terminologia. Enquanto a Terminologia auxilia o trabalho do tradutor ao fornecer material terminográfico confiável para a tradução de textos especializados, a Tradução de textos de especialidade tem o papel de levar a outro universo linguístico a Terminologia de uma certa área de conhecimento.

Instrumentos para análise

Os textos escolhidos para o presente trabalho são “*Laws of the Game 2013/2014*” em inglês e suas traduções para o português, “Livro de Regras do Futebol 2013/2014” no Brasil e “Leis do Jogo 2013/2014” em Portugal, sendo que o texto em inglês foi desenvolvido pela Federação Internacional de Futebol - FIFA e as traduções para o português desenvolvidas pela CBF no Brasil e FPF em Portugal.

A metodologia adotada para o estudo foi a utilização da ferramenta da Linguística de *Corpus* a partir da plataforma *AntConc 3.2.4w*, para a extração de dados de três textos para uma análise detalhada das variações terminológicas existentes na língua portuguesa.

Sardinha em seu artigo sobre Linguística de *Corpus* pontua que a definição mais apropriada para *Corpus* é:

“ Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise” (Sanchez, 1995, pp. 8-9).

O *Corpus* aqui trabalhado é composto de três textos digitalizados de regras do futebol, sendo um em inglês e duas traduções para o português, para que pudesse ser feita a compilação desses documentos. O objetivo é estudar as variações e por isso foram escolhidos tais textos.

O *AntConc 3.2.4w*, como explica Anthony (2004, p. 7), é um importante programa extrator de dados, bastante utilizado em salas de aula no ensino de línguas estrangeiras e no estudo de uma segunda língua para estudar ocorrências das palavras pelos alunos. O *AntConc 3.2.4w* é um programa complexo para pequenos *corpora*.

Foram considerados alguns aspectos para a escolha da plataforma utilizada no trabalho. A primeira característica foi em relação à disponibilidade do programa e a simples obtenção do mesmo, a plataforma *AntConc*, pode ser baixada rapidamente na internet. O segundo requisito para a escolha do programa foi a praticidade do mesmo, no qual não é necessário um

computador muito potente para sua instalação. O terceiro critério foi o fácil manejo do programa a simplicidade no uso das ferramentas, podendo qualquer usuário utilizar a plataforma sem o auxílio de um especialista. O último requisito mas não menos importante foi a eficiência e o bom desempenho da plataforma e de suas ferramentas. O programa AntConc 3.2.4w utilizado no trabalho se encaixou em todos os requisitos antes descritos.

A data declarada dos textos escolhidos é 2013/2014, o texto original foi elaborado pela FIFA que é a reguladora do futebol mundial e tem uma importância muito grande no cenário futebolístico, como já foi anteriormente explicado. O texto foi publicado em Zurique pela própria FIFA que tem como línguas oficiais o inglês, o francês, o alemão e o espanhol. O que a FIFA diz sobre as línguas oficiais é:

Em nome da International Football Association Board, a FIFA publica as Regras/Leis do jogo em inglês, francês, alemão, e espanhol. Se houver qualquer divergência, o texto em inglês prevalecerá” (FIFA, 2014 - tradução nossa)⁵

Portanto, apesar de haver quatro línguas oficiais, a versão inglesa do documento foi a eleita como ponto de partida para o estudo, pois a FIFA deixa explícito em seu regulamento que o documento em inglês prevalecerá sobre os demais documentos em caso de divergência. Assim excluindo a possibilidade de aleatoriedade na escolha do texto oficial.

A tradução usada no presente trabalho para o português brasileiro foi o documento publicado em julho de 2013 pela SAFESP (Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo), traduzido por Sérgio da Rocha Gomes e tem como título “Livro de Regras do Futebol 2013/2014”. A CBF, órgão máximo do futebol brasileiro, regula as associações de árbitros no e uma dessas associações é o sindicato de árbitros de São Paulo, SAPESP que tem sua própria tradução das regras do futebol da FIFA, e foi exatamente este o documento utilizado para análise, pelo formato encontrado do texto para a utilização do programa AntConc 3.2.4w e pela importância dos árbitros na partida de futebol.

O documento escolhido para o estudo das variantes de Portugal nomeado “Leis do Jogo 2013/2014” foi traduzido por Vitor Pereira e Antônio Silva e publicado pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF). A Federação Portuguesa de Futebol é a entidade responsável pela normatização (cria e aplica regras) do futebol nacionalmente.

Análise dos termos

⁵ “On behalf of the International Football Association Board, FIFA publishes the Laws of the Game in English, French, German and Spanish. If there is any divergence in the wording, the English text is authoritative” (FIFA, 2014).

O primeiro procedimento realizado para a análise foi a identificação dos termos nas traduções brasileira e portuguesa, não sendo uma seleção estatística, mas realizada por especialista, a própria autora deste trabalho. A tradução brasileira foi minuciosamente analisada e a partir de conhecimentos anteriores sobre o futebol os termos da área foram extraídos, excluindo os gramemas e os verbos, limitando apenas aos substantivos. Após essa extração uma lista foi criada contendo os termos da tradução brasileira.

Para a criação da lista dos termos da tradução brasileira a partir do “Livro de regras do Futebol”, foram separados todos os termos referentes às regras do futebol. Com os termos brasileiros usados como referência, foi analisado o texto de Portugal “Leis do Jogo” e assim foi separada toda a terminologia do futebol do português de Portugal, criando outra coluna de termos como foi feito no português brasileiro. Após a separação de todos os termos nas duas traduções, selecionou somente aqueles que apresentaram variação. Finalmente com a lista contendo apenas as variantes terminológicas existentes no português, o texto em inglês foi analisado e selecionou-se somente os termos que originaram as variantes do português.

É pertinente nesse ponto ressaltar o aspecto da socioterminologia que segundo Faulstich (apud Cruz, 2013, p. 32) “se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico”.

Com a tabela da lista de variantes terminológicas finalizada contendo na primeira coluna os termos em inglês, na segunda coluna as variantes presentes no português brasileiro e na terceira coluna as variantes presentes no português europeu cada variante foi analisada individualmente e sua relação com o inglês. Foram verificados aspectos da variante como o radical, o sufixo, etc.

Tabela 1:

Variantes terminológicas entre Brasil e Portugal nas Regras Internacionais do Futebol

Definições	Nº	Documento Oficial (Inglês)	Tradução Brasil	Tradução Portugal
Termos simples e compostos relacionados ao tema geral	1.	Stoppage	Paralização	Paragem
	2.	Extra time	Prorrogação	Prolongamento
	3.	Laws of the game	Regras do futebol	Leis do jogo

Termos compostos relacionados ao tema geral	4.	Offside position	Posição de Impedimento	Posição de fora de jogo
	5.	The Throw-in	Arremesso lateral	Lançamento lateral
	6.	Field	Campo	Terreno
Termos simples e compostos relacionados à área de jogo	7.	Field of Play	Campo de jogo	Terreno de jogo
	8.	Corner arc	Quarto de círculo	Área de canto
	9.	Corner flagpost	Poste de bandeirinha	Bandeira de canto
	10.	The penalty area	Área penal	Área de grande penalidade
Termos simples e compostos relacionados ao chute	11.	Kick	Chutada	Pontapeada
	12.	Kick-off	Tiro de saída	Pontapé de saída
	13.	Corner kick	Tiro de canto	Pontapé de canto
	14.	Penalty Kick	Tiro penal	Pontapé de grande penalidade
	15.	Goal Kick	Tiro de meta	Pontapé de baliza
	16.	Free kick	Tiro livre	Pontapé-livre
	17.	Direct free kick	Tiro livre direto	Pontapé-livre direto
	18.	Indirect free kick	Tiro livre indireto	Pontapé-livre indireto
	19.	Bicycle kick	Jogada de bicicleta	Pontapé de bicicleta
Termos simples e compostos relacionados à meta	20.	Scissors kick	Jogada de tesoura	Pontapé de tesoura
	21.	Goal	Meta/ Gol	Baliza
	22.	Goal	Gol	Golo
	23.	Goalkeeper	Goleiro	Guarda-redes
	24.	Goal área	Área de meta	Área de baliza
	25.	Goal scored	Gol marcado	Golo marcado
	26.	The goalposts	Poste de meta	Poste de baliza
	27.	Goal line	Linha de meta	Linha de baliza
28.	Goal net	Rede de meta	Rede de baliza	
29.	Goal-line technology (GLT)	Goal-line technology (GLT)	Tecnologia da linha de baliza (TLB)	

Stoppage, paralização, paragem

Os termos traduzidos do inglês “*stoppage*” refere-se à uma pausa que pode ocorrer por motivos como falta de luz em uma partida disputada a noite, para atendimento do goleiro (guarda-redes), etc. “*Stoppage*” para Brasil e Portugal são “paralização” e “paragem” respectivamente. Para a formação dos termos foram utilizados dois radicais distintos, o primeiro derivado do verbo “paralisar” e o segundo do verbo “parar”, que apesar de serem radicais distintos os dois verbos tem um mesmo sentido de cessar alguma ação. A gramática Houaiss (2008, p. 411) explica que ambos sufixos “derivam, de verbos, substantivos que significam ação, o resultado dela ou ainda o instrumento ou meio da ação”. A gramática utiliza como exemplo as seguintes palavras com os sufixos **ção, ão**: **armação, contemplação, puxão, etc.** Perfil que se encaixa o termo “paralização”. E utiliza como exemplos do sufixo **agem**: **contagem, pilhagem, vendagem, pilotagem** e **ancoragem**. Onde se encaixa o termo “paragem”. Ambos sufixos são regidos pela mesma regra e significado.

Corner arc, quarto de círculo, área de canto

O termo em inglês “*corner arc*” se refere ao desenho de um arco de 90° existente no canto do campo com a função de demarcar o posicionamento da bola para a cobrança do escanteio. “*Corner arc*” poderia ser traduzido literalmente como “arco de tiro de canto” ou arco de pontapé de canto”, mas nenhuma das traduções utilizadas no português são essas. O termo brasileiro “quarto de círculo” privilegia o formato do local onde a bola deve estar posicionada para que a cobrança de tiro de canto possa ser efetuada. O termo português “área de canto” faz referência ao local onde o tiro (ou pontapé) de canto deve ser cobrado, não havendo especificação do formato, mas a área de onde deve ser feita a cobrança.

Corner flagpost, poste de bandeirinha, bandeirinha de canto

O termo do inglês “*Corner flagpost*” faz referência a uma pequena bandeira que delimita a linha lateral e a linha de fundo do campo e tem como função ajudar o árbitro e seus auxiliares, essa bandeira está localizada na intersecção de duas linhas do campo. Na língua portuguesa a palavra “bandeirinha” é utilizada para compor tanto o termo brasileiro quanto português. O termo brasileiro para “*Corner flagpost*” é “poste de bandeirinha” e faz alusão ao

objeto que fixa a bandeira no chão, que seria como uma haste. No termo português “bandeirinha” de canto” há referência ao objeto e ao local de fixação do objeto.

Laws of the game, regras do jogo, leis do jogo

O termo “*Laws of the game*” se refere às regras (leis) a serem cumpridas pelas equipes, delegações e árbitros de futebol. Do termo brasileiro “regras do futebol” infere-se um sentido mais ameno e informal, enquanto “leis do jogo” refere-se às leis com um sentido mais formal, que, segundo o dicionário de língua geral Aurélio o significado de lei é “preceito ou regra estabelecida por direito”. Esse sentido é reafirmado na ainda na definição do dicionário Aurélio quando este define “regra” como exemplo; prescrição; modelo e define “lei” como norma, obrigação.

The throw in, arremesso lateral, lançamento lateral

O termo “*The throw in*” é o arremesso (lançamento) feito pelo jogador para dentro do campo com as mãos e a bola precisa estar acima da cabeça, esse arremesso (lançamento) é feito quando a bola sai pela linha lateral do campo. A variação dos termos em português ocorre na primeira palavra, no qual o Brasil utiliza “arremesso” e Portugal utiliza “lançamento”, dois sinônimos sem maiores inferências. No termo em inglês não há referência ao local de onde deve ser feito o arremesso, diferente do português que em ambos países utilizam a adjetivação “lateral” em seus termos.

Field of play, campo de jogo/ terreno do campo, terreno de jogo

O termo “*field of play*” refere-se à área cercada pelas quatro linhas principais onde a partida é disputada. A diferença do termo entre o português brasileiro e o europeu se dá na unidade “*field*” formando os termos “campo de jogo” e “terreno de jogo”. Essa variação ocorre simplesmente pela preferência da unidade “campo” ou “terreno” do termo. Em três casos o português brasileiro utiliza “terreno do campo” para se referir a área do jogo, como pode ser visto na imagem 3 (em anexo) indicando uma variação dentro do português brasileiro em um mesmo texto.

Penalty area, área penal, área de grande penalidade

O termo “*penalty area*” refere-se ao local cercado por linhas, três linhas marcando a pequena área e três linhas marcando a grande área. A pequena área existe para que a cobrança

de tiro de meta (pontapé de baliza) seja feita pelo goleiro (guarda redes). Já a grande área é o local onde o goleiro (guarda-redes) pode pegar a bola com as mãos e o local onde é marcada a maior infração da partida, o pênalti. É importante saber que a grande área abarca também e pequena área. O termo “*penalty area*” tem uma especificidade em relação à tradução do termo em Portugal, pois em todas as utilizações da unidade “*penalty*” em português europeu é utilizado uma forma composta dessa unidade: “grande penalidade”. Para o termo integral é formado então, “pontapé de grande penalidade”. O programa AntConc 3.2.4w mostra que todas as ocorrências das palavras “grande” e “penalidade” são juntas, o que demonstra que as palavras só são utilizadas uma em função da outra, como pode ser visto na figura 2 (em anexo).

***Offsides position*, posição de impedimento, posição de fora de jogo**

As traduções do termo “*offside position*” mostram que o termo do português de Portugal tem uma tradução mais literal com a utilização de “posição de fora de jogo”, enquanto o Brasil privilegia o aspecto do conceito de estar impedido de prosseguir com a jogada, baseado na regra do impedimento, por isso a opção do termo “posição de impedimento”.

O impedimento (posição de fora de jogo) é uma das regras que mais causam estranheza ao público leigo, essa regra se adequa ao jogador que estiver à frente do penúltimo jogador adversário ou ao jogador que estiver à frente da linha da bola quando a bola for lançada à ele.

***Goal*, gol, golo, meta, baliza**

O termo “*goal*” é traduzido para português por dois termos diferentes em cada país. No inglês só há um termo com duas acepções e no português são duas palavras com significados diferentes. A primeira acepção de “*goal*” é relacionada ao local onde a bola precisa alcançar para conseguir a pontuação do jogo, o objeto físico, em Portugal essa acepção é significativa do termo “baliza” e no Brasil “meta”. A segunda acepção é o próprio ato de pontuar, quando a bola ultrapassa a linha da meta (ou baliza), o termo em Portugal é “golo” e o termo brasileiro é “gol”. Apesar da tradução no Brasil ter “meta” e “gol”, para “*goal*”, em certos casos na terminologia brasileira faz-se uso do termo “gol” como outra variante de meta. Ou seja, o local onde a bola passa para ser aceita a pontuação pode ser “gol”, tanto como ato de pontuar, se assemelhando um pouco ao inglês.

Na figura 1 (em anexo) é possível identificar as diferenças no termo gol, onde a utilização como “meta” está destacada com a faixa azul. O fato não ocorre na variante de Portugal, no qual utiliza-se o termo “baliza” e “golo” para suas respectivas denominações, não

havendo sinonímia. Outro fato importante é que partir dos termos “meta”, “baliza”, “gol” e “golo” são criados vários termos derivados e vamos a seguir expor esses termos e analisá-los.

Goal scored, gol marcado, golo marcado

No termo “*goal scored*” o sentido da unidade “*goal*” vem como a pontuação alcançada por uma equipe, que tem como termo português “gol” para o Brasil e o termo “golo” para Portugal. Esse termo refere-se à pontuação, quando a bola ultrapassa a linha da meta (baliza), alcança a rede e é sinalizada e aprovada pelo árbitro.

Goal area, área de meta, área de baliza

O termo “*goal area*”, em sua tradução para o português a variação ocorre na unidade “goal” traduzido como “meta” para a terminologia brasileira e “baliza” para a terminologia portuguesa, que anteriormente foi explicada. Esse termo está relacionado com as medidas de altura e largura da meta ou (baliza).

The goalposts, poste de meta, poste de baliza

A terminologia “*goalposts*” faz alusão aos três postes que formam a meta (baliza), objeto onde a bola deve alcançar para que a pontuação seja marcada. Onde a variação do português ocorre mais uma vez na unidade “*goal*”, formando “poste de meta” para o Brasil e “poste de de baliza” para Portugal.

Goal line, linha de meta, linha de baliza

A variação do termo “*goal line*”, acontece também na unidade “goal” do termo. “*Goal line*” é a linha traçada no fundo do campo para marcar o fim do campo e é essa linha que delimita a marcação ou não do gol (golo). Ou seja, quando a linha de meta (baliza) for ultrapassada pela bola e estiver nos limites dos postes a pontuação é marcada. Quando a bola ultrapassar essa linha e não estiver nos limites dos postes podem ser marcados o tiro de meta (pontapé de baliza) ou tiro de canto (pontapé de canto), termos que serão mais a frente aprofundados.

Goal net, rede de meta, rede de baliza

Assim como os últimos termos descritos a variação do termo “*goal net*”, em relação ao português acontece na unidade “*goal*”, que forma no termo brasileiro “rede de meta” e no termo português “rede de baliza”. Esse termo refere-se à rede existente nos postes de meta (gol) e tem

como função armazenar a bola chutada (pontapeada) e auxiliar o árbitro na marcação do gol (gol).

Goalkeeper, goleiro, guarda-redes

O termo “*goalkeeper*” é referente ao jogador que se posiciona a frente da meta (ou baliza) para evitar que a bola chegue às redes e o ponto seja efetuado pelo time adversário. De acordo com a gramática Houaiss (2008, p. 432) existem dois processos de formação de palavras em língua portuguesa: derivação e composição e cada uma das traduções aqui analisadas corresponde a um desses processos.

Em relação ao processo de composição, Azeredo na gramática Houaiss (2008, p.432) explica que: “por definição, uma palavra é formada por **composição**, quando resulta da união de duas ou mais palavras ditas **simples**”. O termo guarda-redes se encaixa nesse conceito onde faz a junção de “guarda” e “redes” para a criação de outra palavra.

No caso do termo do português brasileiro “goleiro”, o autor diz que “por definição, uma palavra é formada por derivação quando provem de outra, dita **primitiva**”. Citando assim jardineiro que deriva de jardim. O sufixo também é um aspecto importante na formação dos termos. No caso da terminação **eiro** a gramática Houaiss diz que:

“Derivando de substantivos referentes a seres humanos, significam genericamente “agente” e servem para indicar indivíduos que” exercem uma profissão ou ofício”, que “praticam esportes ou tem certas ocupações regulares”. AZEREDO, p. 432.

Com isso podemos determinar que os termos criados para o futebol tiveram em sua origem diferentes processos de formação, não fugindo em nenhum dos casos da regra normativa do português.

Kick, chutada, pontapeada, tiro, pontapé

Os termos “chutada” e pontapeada” têm radicais distintos mas seus sufixos como equivalentes. A derivação dos termos aqui trabalhados são as palavras “chute” e “pontapé” respectivamente. Esses termos são traduções do termo “*kick*” que é o movimento feito com pé para movimentar a bola.

Os sufixos “**ada**, **aria**, **agem** derivam substantivos que significam atos ou movimentos, segundo o meio ou o agente”. A regra que se aplica aos termos “chutada” e “pontapeada” é a dos substantivos que significam movimento, que é o de empurrar a bola com o pé.

O termo “*kick*” também é traduzido como “tiro” no Brasil e “pontapé” em Portugal e tem suas ocorrências mais frequentes que “chutada” e “pontapeada”. A maior parte dos termos que utilizam a unidade “*kick*”, em português tem como tradução “tiro” no Brasil e “pontapé” em Portugal e que a seguir serão exemplificados. É importante destacar que apesar do uso distinto do termo “*kick*” em todos os casos esses termos são sinônimos, diferentemente do que acontece com o termo “*goal*”. Existem algumas variações das traduções do termo “*kick*” em relação ao português brasileiro, diferente de Portugal, que em todos os casos utiliza “pontapé” ou “pontapeada”. No Brasil há dois casos que fogem às traduções mais comuns de “tiro”, ou “chutada”, que são: **jogada de bicicleta e jogada de tesoura**.

***Kick-off*, tiro de saída, pontapé de saída**

“*Kick-off*” é o primeiro toque que uma equipe executa na bola para se iniciar a partida. A variação que ocorre nos termos em português é em relação à unidade “*kick*”, termo que em português brasileiro é representado por “tiro de saída” e que os portugueses representam como “pontapé”, formando “pontapé de saída”.

***Corner Kick*, tiro de canto, pontapé de canto**

“*Coner kick*” é o termo utilizado para definir a cobrança feita com o pé da área de canto para dentro do campo de jogo. Esse termo tem como variação no português o fragmento “*kick*” no qual o termo brasileiro é “tiro de canto” e o termo português é “pontapé de canto”.

***Goal kick*, tiro de meta, pontapé de baliza**

“*Goal kick*” é a cobrança feita pelo goleiro (guarda-redes), quando o time adversário chuta a bola e essa passa pela linha do fundo do campo. Esse termo em português varia nas duas palavras componentes do termo em inglês, “*goal*” e “*kick*”, onde em português brasileiro é “tiro” e “meta” e no português europeu é “pontapé” e “baliza”, formando outro termo “tiro de meta” e “pontapé de baliza”.

***Direct free kick*, tiro livre direto, pontapé-livre direto**

O termo “*direct free kick*” se refere à cobrança que a equipe faz quando a equipe adversária comete uma infração. Após a marcação da infração a partida é paralisada e retoma com essa cobrança que poderá ser feita direto ao gol, por isso a palavra “direto” no termo. A diferença existente na terminologia do português brasileiro e da terminologia portuguesa além

do termo “tiro” e “pontapé” é a presença do hífen no termo “pontapé-livre direto” em todas suas ocorrências no texto, item que não existe no termo “tiro livre direto”.

A presença do item no termo de Portugal e a ausência no termo brasileiro se dá pois no termo de Portugal há hífen pois é considerado uma composição que é “a união de dois ou mais lexemas para a formação de uma nova unidade fixa”. Enquanto o termo brasileiro é uma combinação regular de lexema no discurso, que são construções sintáticas estáveis, mas não palavras compostas” (AZEREDO, 2008, p. 444).

Indirect free kick, tiro livre indireto, pontapé-livre indireto

Assim como o termo “*direct free kick*”, o termo “*indirect free kick*” é a cobrança que reinicia a partida após uma infração realizada pelo time adversário. O que difere os dois termos é o fato de que para a cobrança da “*indirect free kick*” o jogador não poderá fazê-la diretamente à meta (baliza), tendo antes que a bola ser passada a um companheiro de equipe. Nesse termo, assim como no termo anterior, a variação do português ocorre também na unidade “kick”, além da presença do hífen na terminologia portuguesa “pontapé-livre indireto”, enquanto a terminologia brasileira não o utiliza “tiro livre indireto”. A presença do hífen ou não nesse termo já foi comentada anteriormente.

Penalty kick, tiro penal, pontapé de grande penalidade

O termo “*penalty kick*” se refere ao chute que o jogador faz diretamente à meta (baliza) após infração máxima cometida pela equipe adversária que acontece dentro das linhas que definem a área, a distância entre a bola e a meta (baliza) é dez metros e o único jogador entre a bola e a meta (baliza) é o goleiro (guarda-redes). A fração do termo “*penalty*” na tradução portuguesa é formada por duas palavras “grande penalidade” e o termo integral é “pontapé de grande penalidade”. O termo brasileiro por outro lado para se referir a “*penalty kick*” utiliza “tiro penal”.

Goal-line technology, tecnologia da linha de baliza

O termo “*goal-line technology*” refere-se à nova tecnologia da FIFA que identifica quando a bola passa da linha da meta, emitindo uma mensagem instantânea à um aparelho que fica na posse do árbitro. A tradução brasileira utiliza o termo em inglês “*goal-line technology*” optando pelo empréstimo linguístico. Ao contrário do português brasileiro, a tradução do termo no português europeu é “tecnologia da linha de baliza”, que utiliza ainda a sigla referente a sua

tradução, TLB. O documento *Laws of the game 2013/2014*, o utilizado no trabalho, é o primeiro que traz o uso dessa tecnologia como regra. A utilização desse recurso é bastante nova e começou a ser utilizado efetivamente na Copa do Mundo da FIFA no ano de 2014 e essa tecnologia ainda não é utilizada pela CBF ou pela FPF.

Considerações finais

Pretendeu-se neste trabalho abordar algumas variantes terminológicas das regras do futebol no português do Brasil e de Portugal e mostrar a singularidade da terminologia desta área em cada país no que diz respeito ao futebol. Para satisfazer este objetivo, optou-se por utilizar traduções de textos institucionais de cada país, para uma maior fidelidade à regulamentação oficial do futebol.

Brasil e Portugal apesar de comungarem da mesma língua possuem uma variação extensa da terminologia do futebol que se dá por aspectos diversos. A partir das análises de cada variante do português foram encontradas várias estruturas de variação.

A linguagem de especialidade está dentro língua geral e por esse motivo é passível de variantes assim como a língua geral no todo. A variante geográfica ilustra o estudo feito nas regras do futebol entre os países Brasil e Portugal, variantes que são resultado do uso de cada região.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **O percurso da Terminologia:** de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. Tradterm, v. 9, 2003: 211-222. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49087>. Acesso em: 15 Set. 2014.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; CORREIA, Margarita. **Terminologia e corpus:** relações, métodos e recursos. In Avanços da Linguística de Corpus no Brasil. Ed. Humanitas. São Paulo, 2008
- ANTHONY, L. **AntConc:** A Learner and Classroom Friendly, Multi-Platform Corpus Analysis Toolkit. Tokyo, 2004.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** 2º edição. São Paulo: publifolha, 2008.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As Ciências do léxico.** 2º edição. São Paulo. Editora UFMS. 2008.
- BRASIL. **Estatuto Confederação brasileira de futebol.** Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2006. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/estatuto-confederacao-brasileira-futebol-cbf.pdf>. Acesso em 10/08/2014.
- BRIONES, Mónica Born. **María Teresa Cabré:** la terminología: representación y comunicación. Red de Revistas Científicas de América Latina. Chile, 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134518177020>. Acesso: 20 de Outubro de 2014.
- CABRÉ, Maria. Tereza (1999) **La terminología: representación y comunicación:** elementos para uma teoria de base comunicativa e outros artigos. Barcelona, IULA, 1999: 369.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo, Editora Contexto. 2010. P. 768
- COSTA, Varley Teoldo da; FERREIRA, Renato Melo. PENNA, Eduardo Macedo; COSTA, Israel Teoldo da; NOCE, Franco & SIMIM, Mário Antônio de Moura. **Análise estresse psíquico em árbitros de futebol.** Rev. bras. psicol. Esporte. São Paulo, v. 3, n. 2, dez. 2010
- CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **(Re) Aplicação do Constructo de Faulstich:** Regras de formação das Unidades Terminológicas Complexas na área da Engenharia Civil. Brasília, 2013.
- FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Aspectos de Terminologia geral e Terminologia variacionista.** Tradterm, v. 7, 2001. P. 11-40.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Planificação Lingüística e Problemas de Normalização**. Editora Alfa, São Paulo, p. 247-268, 1998.

FIORIN, José Luiz. **Política linguística no Brasil**. Revista Gragoatá. Niterói: n. 9. UFF, 2000: 221- 231.

MARCIEL, Ana Maria Becker. **Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico**. Tese (doutorado em estudos da linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Educação, Porto Alegre: UFRGS, 2001.

NEGREIROS, Antonio Cleiton Ramos. **A Linguagem Esportiva Jornalística Escrita: Um confronto Linguístico entre o português brasileiro e o português europeu**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Faculdade Católica, São Paulo, 2003.

PAVEL, Silvia & NOLET, Diane. **Manual de Terminologia**. 2002 Tradução: Enilde Faulstich. p. 147. Acesso em 15 de Outubro de 2014.

PORTUGAL. **Estatutos Federação Portuguesa de Futebol**. Outubro de 2012. Disponível em: <http://www.fpf.pt/Portals/0/Documentos/Centro%20Documentacao/Estatutos/estatutos.pdf>. Acesso em 10/08/2014.

POZZI, M. **ISO 1087-1: dos normas del ISO/TC37 em conflicto**. In: CORREIA, M. (Org.). SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2000, Lisboa. Terminologia e indústria da língua. Actas Lisboa : ILTEC; União Latina; Fundação CalousteGulbenkian, 2003. p. 831-840.

SALES, Rodrigo. **Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) como aporte teórico para a representação do conhecimento especializado**. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Salvador- BA, 2007.

SANCHEZ, A. ET AL (1995) *CUMBRE – Corpus Linguistico del Espanol Contemporaneo – Fundamentos, Metodologia, y Aplicaciones*. Madrid: SGEL.

SANTOS, Vanessa de Paula Rodrigues dos. **A terminologia e o sistema de gestão da qualidade ISO 9000**. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1952-1959. São Paulo, 2006.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus: Histórico e Problemática**. D.E.L.TA, Vol. 16, nº 2, 2000: 323-367.

SHEPHERD, Tania M.G. **O estatuto da linguística de Corpus: metodologia ou área da linguística?** Rio de Janeiro, v.16, n.24. 2009

SILVA, Cristiano Diniz da. OLIVEIRA, Márcio Lopes de & ALMEIDA, Lucas Gomes de. **Uma análise da vantagem de jogar em casa nas duas principais divisões do futebol**

profissional brasileiro. Revista brasileira de Educação Física. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25n1/06.pdf>. Acesso em: 25 de Setembro de 2014.

SOUZA, Jair de; LEITÃO, Sergio Sá & RITO, Lucia. **Futebol-Arte.** São Paulo-SP: Empresa das artes, 1998. P. 439.

STUBBS, Ray. **O livro dos esportes.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 2012. P. 96-103.

SUIÇA. **FIFA Statutes.** Agosto de 2014. Disponível em: <http://www.fifa.com/mm/document/AFederation/Generic/02/41/81/55/FIFASTATUTEN2014ENUTRAL.pdf>. Acesso em 10/10/2014.

VARGAS, Graziela Mônaco. **ESTUDOS BÁSICOS SOBRE NORMALIZAÇÃO:** origem, conceitos e organismos. Rio Grande do Sul, 2006.

VILARINHO, Michele Machado de Oliveira. **Proposta de Dicionários Informatizado Analógico da Língua Portuguesa.** 2013. 307f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

Anexo

mitada pela rede da meta enquanto a bola entra no gol, será concedido um gol. Todavia, se o atacante distrair um adversário, d e distrair um adversário, deverá ser invalidado o gol. O jogador será advertido com cartão amarelo por ersário ou em qualquer outra pessoa 4. Impedir um gol ou acabar com uma oportunidade clara de gol, com ir um gol ou acabar com uma oportunidade clara de gol, com uso intencional de mão na bola (isso não val pria área penal) 5. Impedir oportunidade clara de gol da equipe adversária, quando um jogador se movime so o jogador que evitar uma oportunidade clara de gol ao segurar um adversário. Não deverá ser tomada dir que um adversário a receba. tenta marcar um gol tocando deliberadamente a bola com a mão. No enta o entanto, será expulso um jogador que impedir um gol ou uma oportunidade clara de gol ao tocar deliber

Figura 1- Utilização do termo “gol” como sinônimo do termo “meta”.

13 Pontapés-livres	44	14 O pontapé de grande penalidade	48	15 O lançamento lateral
a. 8 LEI 1 O TERRENO DE JOGO	Área de grande penalidade	São traçadas duas linhas perpendic		
as linhas e pela linha de baliza chama-se área de grande penalidade.		Em cada área de grande penalidade		
se área de grande penalidade.	Em cada área de grande penalidade é feita uma marca para o pontapé de gr	de penalidade é feita uma marca para o pontapé de grande penalidade a 11 m do meio da linha que une os doi		
nte desses postes.	No exterior de cada área de grande penalidade é traçado um arco de círculo de 9,15 m	lo de 9,15 m de raio, tendo por centro a marca de grande penalidade.	Bandeiras	Em cada canto do ter
a rebenta ou se deforma durante a execução de uma grande penalidade, ou durante os pontapés da marca de gr	de penalidade, ou durante os pontapés da marca de grande penalidade quando é pontapeada para a frente e an	uer jogador ou na barra ou postes da baliza: A grande penalidade é repetida	Se a bola rebenta ou	
ntapé de baliza, pontapé de canto, pontapé-livre, grande penalidade ou dum lançamento da linha lateral:	ionalmente. qualquer infração cometida na área de grande penalidade)	quando nos pontapés de grande pen		
de grande penalidade)	quando nos pontapés de grande penalidade o guarda-redes se mova para a frente a	o perdido é à discricção do árbitro.	Pontapé de grande penalidade	Se um pontapé de grande penalidade
Pontapé de grande penalidade	Se um pontapé de grande penalidade tiver de ser executado ou repetido, a	da parte deve ser prolongada até que o pontapé de grande penalidade seja concluído.	Interrupção definit	
os fora prolongamentos pontapés da marca de grande penalidade	Tecnologia da linha de baliza (TLB)			
ceto o guarda-redes dentro da sua própria área de grande penalidade)	O pontapé-livre direto deve ser e			
Lei 13 local dos pontapés-livres)	Pontapé de grande penalidade	Uma grande penalidade será concedi		
s-livres)	Pontapé de grande penalidade	Uma grande penalidade será concedida se qualquer das dez inf		
tida por um jogador dentro da sua própria área de grande penalidade,	independentemente do local em que a b			
es quatro infrações dentro da sua própria área de grande penalidade:	manter a bola em seu poder durant			
se aplica ao guarda-redes na sua própria área de grande penalidade)	anular uma clara oportunidade de			
o passível de um pontapé livre ou de um pontapé de grande penalidade	usar linguagem ou gestos ofensivos			
ntapés-livres	Pontapé-livre dentro da área de grande penalidade	Pontapé-livre direto ou indireto a		

Figura 2- Ocorrências de “grande” e “penalidade”.

1	rais do travessão devem ser paralelas ao plano do terreno do campo. Se os postes de meta forem de forma elí
2	larga do travessão deve ser paralela ao plano do terreno do campo. Se os postes de meta forem de forma ret
3	largo do travessão deve ser paralelo ao plano do terreno do campo. Livro de Regras de Futebol 2013-2014 9

Figura 3- Ocorrências de “terreno” na tradução brasileira.